

EDUCAÇÃO FÍSICA, ESPORTE E RELAÇÕES DE GÊNERO: ANALISANDO OS ELEMENTOS DE UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Glaurea Nádia Borges de Oliveira

RESUMO

Este estudo procurou analisar o como as relações de gênero podem ser evidenciadas e problematizadas nas aulas de Educação Física, a partir de um estudo de caso realizado numa escola pública da zona leste da cidade de São Paulo, que acompanhou a prática pedagógica de uma professora de Educação Física com uma turma da 3ª série do ensino fundamental. Para a obtenção dos dados, foram adotados os seguintes procedimentos: observação das aulas, com a utilização de uma câmera filmadora e de um diário de campo para registro, e realização de um encontro reflexivo, subsidiado por um roteiro preliminar bastante flexível, por uma pré-análise construída a partir das observações e pelo recurso da autoscopia. Os resultados demonstram que as relações entre meninas e meninos nas aulas de Educação Física observadas são marcadas por manifestações de poder e resistência. A forma como a professora tratou essas questões, por sua vez, apresenta-se sob um caráter ambivalente. Por um lado, suas ações procuravam dar às meninas a possibilidade de exercer sua resistência ao domínio masculino, de conviver com os meninos ao mesmo tempo em que lutavam por relações mais justas; por outro, essas mesmas ações às vezes pareciam legitimar a forma de agir dos meninos, ocultando a origem social das relações de gênero. Essa ambivalência, no entanto, não desqualifica o caráter essencialmente crítico da prática pedagógica analisada, pois a professora, além de problematizar as situações evidenciadas em aula procurando desvelar os vínculos que elas estabelecem com o meio social e cultural, demonstrou-se extremamente reflexiva e questionadora em relação ao seu próprio fazer pedagógico.

Palavras-chave: Educação Física escolar. Gênero. Prática pedagógica. Esporte.

ABSTRACT

This paper aimed to analyse how the gender relations can be evidenced and problematized in the Physical Education classes. To do so, it was performed a case study in a public school of Sao Paulo, who followed the pedagogical practice of a Physical Education teacher with a class from 3rd grade. The data were produced by the following procedures: class observations and reflexive meeting. The results show that the relations between girls and boys in Physical Education classes observed are marked by demonstrations of power and resistance. The way the teacher dealt with these issues, in turn, it was show an ambivalent character. On the one hand, her actions sought to give the girls the opportunity to exercise their resistance to male domination, to live with the boys while they were fighting for fairer relations; on the other hand, these same actions sometimes seemed legitimate the action of boys, hiding the social origin of gender relations. This ambivalence, however, does not disqualify the character critical of pedagogical practice analyzed, because the teacher, besides discuss the situations evidenced in class trying to uncover the links they establish with the social and cultural environment, proved to be highly reflective and questioning about their own pedagogical practice.

Keywords: Scholar Physical Education. Gender. Pedagogical practice. Sport.

1. CONTEXTUALIXANDO A DISCUSSÃO: GÊNERO, ESPORTE E EDUCAÇÃO FÍSICA

O conceito de gênero refere-se à construção social das diferenças entre homens e mulheres. Ele permite perceber que as representações e apresentações das diferenças sexuais não se limitam ao caráter biológico, mas implicam uma divisão de papéis, social e culturalmente construída, sobre essas diferenças (GONÇALVES JÚNIOR; RAMOS, 2005; LOURO, 1996). Sendo um elemento constitutivo das relações sociais estabelecidas sobre as diferenças percebidas entre homens e mulheres, o gênero também é um modo de significar as relações de poder marcadas pela dominação masculina (SCOTT, 1995). Assim, ser mulher não é apenas diferente de ser homem, como também sugere inferioridade, desvalorização, opressão.

O esporte, por sua vez, é uma instituição “generificada” e “generificadora”. Generificada porque reflete as concepções dominantes de masculinidade e feminilidade; generificadora porque contribui para a reprodução dessas concepções (SOUSA; ALTMANN, 1999). O estudo e a prática do esporte como conteúdo da Educação Física escolar não estará, portanto, imune às significações assumidas pelas relações de gênero – que são relações de poder – no contexto social e na instituição esportiva, o que quase sempre se estabelece sob a forma de conflitos.

Sousa e Altmann (1999) enfatizam a necessidade de que o gênero também seja compreendido como uma categoria relacional. Isso quer dizer que as relações sociais não se constituem somente em função do que a cultura construiu sobre as diferenças sexuais, mas a partir da associação dessa construção com diversos outros elementos, tais como raça, etnia, classe social, altura e peso corporal, habilidades motoras. Nas aulas de Educação Física, assim como em outros espaços sociais, as relações de poder que se configuram sob as significações sociais de gênero devem ser pensadas em articulação com esses outros elementos ou categorias, o que, por fim, confere uma relevância fundamental à intervenção e à postura do professor ao lidar com essas questões.

Partindo dessas premissas, este estudo buscou identificar o como as relações de gênero podem ser evidenciadas nas aulas de Educação Física de uma turma da 3ª série do ensino fundamental e de que modo elas são tratadas pela professora, a partir do trabalho pedagógico com uma manifestação da cultura corporal de extrema significação social: o esporte.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Este estudo é parte integrante da minha dissertação de mestrado, defendida no ano de 2011 junto ao Programa de Pós-graduação em Educação: Psicologia da Educação, na qual as relações de gênero constituíram um dos elementos identificados e discutidos a partir da análise da prática pedagógica de uma professora de Educação Física – que aqui será chamada de Laura¹ – com um grupo de alunos da 3ª série do ensino fundamental. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola pública da rede estadual paulista, localizada na zona leste da cidade de São Paulo, e se caracterizou como um estudo de caso, que utilizou os seguintes instrumentos para a coleta dos dados: observação das aulas e encontro reflexivo.

As aulas foram acompanhadas durante todo um ano letivo e as observações foram registradas por meio de uma câmera filmadora e de um diário de campo.

O encontro reflexivo foi um procedimento adotado com base no estudo de Mendes e Baptista (2005). Essas pesquisadoras assim denominaram os momentos em que interagiram dialogicamente com a professora participante da investigação que conduziram. Nela, esses momentos foram subsidiados pela discussão de elementos produzidos por meio de outras diferentes fontes de informações, o que caracterizou um processo relacional aberto a reflexões e mudanças. No presente estudo, o encontro reflexivo foi realizado ao final do período de observação das aulas e teve como objetivo discutir com a professora as possíveis interpretações sobre o seu fazer pedagógico, esclarecer os elementos até então identificados, proporcionar-lhe um espaço de reflexão sobre a sua própria prática e tentar apreender esse processo reflexivo. Esse encontro se orientou por um roteiro preliminar bastante flexível e foi subsidiado por uma pré-análise construída a partir das observações e, assim como em Mendes e Baptista (2005), pelo recurso da autoscopia. A autoscopia é definida por Sadalla e Larocca (2004, p. 419) como um procedimento que se vale “[...] do recurso de videogravação de uma prática, visando a análise e autoavaliação por um ou mais protagonistas dessa prática”. Nesse sentido, a professora foi convidada a assistir a alguns episódios selecionados pela pesquisadora e a expressar sua percepção sobre suas próprias ações.

¹ Para preservar o sigilo quanto à identificação dos sujeitos, seus nomes foram substituídos. Portanto, todos os nomes mencionados neste trabalho são fictícios.

entre alguns meninos a visão de que as meninas não sabiam jogar, de que eram mais fracas. Em várias das aulas em que essa situação se fez presente, as meninas demonstraram sua insatisfação em relação a ela, recorrendo à professora. A forma como Laura problematizou essas questões, tanto a partir das reclamações das meninas quanto de suas próprias percepções, é elucidada pelo episódio descrito a seguir, os quais, embora não contemplem todas as ocasiões em que as questões/relações de gênero foram tratadas, são capazes de evidenciar e sintetizar os princípios que as caracterizaram.

Um desses episódios foi presenciado numa aula cujo tema era o futebol. Durante um momento de discussão, a professora comentou com os alunos que havia gostado da atitude de um deles, referindo-se ao fato de ele ter interrompido a atividade do seu grupo e explicado o jogo para aqueles que não sabiam. Uma das alunas que fazia parte desse grupo se manifestou: *“É, mas ele falou assim: ‘vou explicar só para as meninas, que não sabem jogar’”*. Laura então questionou o aluno e ele tentou argumentar. Em seguida, ela fez um questionamento à turma: *“Como que a gente chama isso? Como que a gente chama quando a pessoa já põe um rótulo e fala ‘a mulher não sabe’? Por exemplo: ‘a mulher não sabe dirigir’?”*. Os alunos continuaram tentando responder, mas não chegaram ao conceito a que a professora estava se referindo, embora suas hipóteses também se relacionassem a manifestações de discriminação. Diante disso, a professora concluiu: *“Machismo. É igual falar ‘a mulher não sabe dirigir, dirige fogão’*. Letícia comentou: *“Mas os homens de hoje também dirigem fogão”*. Laura: *“Claro, por que não? Tem gente que acha que não, aí já é um outro preconceito também”*.

Outro episódio referente à problematização das relações de gênero foi observado também durante o trabalho com o futebol, numa aula cujo jogo vivenciado foi o “bobinho”. Após observar os alunos jogarem durante um determinado tempo, Laura se aproximou de um dos grupos, cujos integrantes pareciam estar tendo problemas, e iniciou uma discussão sobre o jogo. Ana, uma das meninas que fazia parte desse grupo, queixou-se à professora, afirmando que os meninos não permitiam que as meninas tocassem na bola. Laura disse-lhe que talvez isso estivesse acontecendo porque elas não estavam se deslocando no espaço de jogo, esquivando-se do bobinho e criando possibilidades para que a bola lhes fosse passada. A aluna insistiu, reiterando o controle dos meninos em relação à bola, e eles tentaram se justificar. A professora concluiu dizendo que provavelmente o grupo estivesse encontrando dificuldades em razão da falta de habilidade que algumas meninas apresentavam, mas não fez isso de modo depreciativo. Ela afirmou que a habilidade dependia das oportunidades de realização e que talvez as meninas não tivessem tido essas oportunidades. Pediu, então, para

Mas imagina, eu fico pensando, quando você fala do poder dos meninos, do monopólio. Você imagina, toda vez as meninas tinham que tentar enfrentar tudo aquilo. Não é fácil para elas, como não é fácil para a gente. Pra gente enquanto mulher, na própria sociedade. Um exemplo: uma professora me disse outro dia, “ah, meu marido falou que a Marta joga como homem”. Eu falei “mas por que a Marta joga como homem e ela não pode ter a referência dela mesma? Por que não o jogo da Marta?” A gente fala tanto, defende tanto a mulher, e ela mesma se posiciona enquanto fraca, enquanto essa figura que a gente vê na sociedade (trecho da transcrição do encontro reflexivo).

Laura também foi questionada sobre a ênfase que deu à questão da habilidade e à maneira como as meninas se posicionavam no jogo, o que poderia ser compreendido como uma justificativa legitimadora da forma de agir dos meninos e, além disso, ocultar a origem social das relações de gênero, embora essa não fosse sua intenção, como ela procurou esclarecer. A esse respeito, a professora assim se posicionou:

Talvez tenha sido mais uma falha, mas não dá para acertar em tudo, né? Eu reconheço quando é falha, porque eu reflito pra caramba. Mas eu acho que o que predomina, que eu percebi que predominou, foi a questão mesmo delas se posicionarem, delas terem uma luta para conquistar aquilo. Isso é mais forte em mim do que eu entrar em contradição. Posso até entrar, eu entrei mesmo nessas situações, mas eu achei que não predominou. Como se eu ficasse todas as aulas falando “olha aí, suas fracas”, ou algo desse tipo (trecho da transcrição do encontro reflexivo).

Um dado significativo, que merece ser relacionado a essas argumentações de Laura, e que foi igualmente identificado por ela, refere-se ao fato de que as meninas, apesar dos conflitos e problemas que enfrentavam, jamais pediram à professora para que ela as deixasse jogar separadamente, sem os meninos, e tampouco se recusaram a jogar com eles, o que, segundo a docente, já havia acontecido em outras turmas. Do mesmo modo, os meninos não se negavam a formar grupos com as meninas e a jogar com elas, por mais que, durante o jogo, os conflitos viessem à tona. Isso parece realmente ratificar a constituição de um espaço no qual as meninas tinham voz, no qual elas podiam lutar e resistir.

Por fim, as análises da prática pedagógica de Laura permitem afirmar que, para se buscar a superação de posições sexistas e de relações hierarquizadas entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física, não basta garantir a convivência entre eles. Jogar juntos é condição necessária para isso, mas não suficiente. Como reconhecem Neira e Nunes (2008), os alunos não aprenderão a se respeitar apenas pelo fato de realizarem práticas nas quais tenham que cooperar uns com os outros e, nesse sentido, a convivência lado a lado não resolve os conflitos inerentes às questões de gênero. Segundo os autores, essas questões, por serem sociais, não se alterarão sem que sejam questionadas no seio da cultura onde ocorrem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como se pode verificar, a professora que protagonizou este estudo reconhece as relações de gênero como um dos elementos constitutivos das práticas corporais. Nesse sentido, ela assume o compromisso de tratá-las enquanto relações social e culturalmente construídas, questionando os fatores e as representações que lhes são inerentes e possibilitando aos alunos construir uma compreensão mais crítica da realidade em que elas são produzidas. Ela reconhece, também, que o seu trabalho poderia ter ampliado os questionamentos e utilizado outros recursos para um maior aprofundamento das razões de ser das relações hierarquizadas entre homens e mulheres. E, ainda, que a forma como se posicionou em relação a essas questões pode, mesmo que de modo não intencional, ter apresentado algumas “falhas” ou contradições. Mas o que prevalece, de acordo com a sua análise, é a possibilidade que as meninas tiveram de exercer a sua resistência, de conviver com os meninos ao mesmo tempo em que lutavam por relações mais justas. E não há como discordar de seus argumentos. Esse movimento de resistência parece ter sido favorecido pelo questionamento que a professora realizou junto às crianças aos padrões preestabelecidos de masculinidade e feminilidade, a partir do que os meninos também tiveram a oportunidade de pensar sobre o seu modo de agir e de modificá-lo.

E, embora uma discussão mais detalhada desse dado escape ao escopo deste trabalho, deve-se levar em conta que a sua própria condição de mulher e a experiência de desvalorização face à suposta superioridade masculina parecem exercer influência sobre a forma como Laura lida com as questões de gênero em sua tarefa educativa.

